

GRAMSCI, Antonio. Odeio os indiferentes: escritos de 1917. 1ª edição ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

Tarik Dias Hamdan¹
ORCID: 0000-0001-8662-396X

Publicado no Brasil em junho de 2020, o livro *Odeio os indiferentes* reúne textos inéditos do socialista italiano Antonio Gramsci lançados ao longo do ano de 1917. Conhecido como um dos maiores teóricos do marxismo, o livro procura democratizar o acesso ao seu pensamento de juventude. Diferentemente do Gramsci “maduro”, que foi militante do Partido Comunista Italiano, e teve seus escritos publicados nos “CADERNOS DO CÁRCERE”, a coletânea apresenta o “jovem” Gramsci enquanto militante do Partido Socialista Italiano responsável por publicar seus textos no jornal da organização. O livro apresenta 21 pequenos textos entre os 289 lançados pelo autor no ano de 1917, e dentre os publicados, dez deles são inéditos em português e foram traduzidos pelos professores doutores Alvaro Bianchi e Daniela Mussi. Bem como, a coletânea conta com uma apresentação feita pelos professores e nela introduzem o contexto em que a obra foi produzida, e explicitam o pensamento do autor na época.

A linha mestre da coletânea de textos é a crítica de Gramsci às teorias economicistas do marxismo e ao burocratismo da esquerda Italiana, em especial, do Partido Socialista.

Dessa maneira, influenciado pelas ideias do filósofo italiano Benedetto Croce, o autor acredita que é necessário renovar o marxismo, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, levando em consideração a eficácia da luta cultural coletiva e a necessidade de atrair a juventude para o partido.

Os primeiros artigos do ano de 1917 são marcados pela ênfase dada ao autor em rejeitar as teorias deterministas da ação que eram influentes no Partido Socialista Italiano. Assim, diferentemente do positivismo marxista, que previa a inevitabilidade da revolução socialista, Gramsci entendia que em países com ordens consolidadas, como Inglaterra, Alemanha e Itália, essa perspectiva não se coadunava com a realidade.

Para o autor, nesses lugares onde os Estados são legitimados por princípios morais, e, portanto, sua sustentação não se baseia na pura violência, a substituição de uma ordem moral por outra é mais difícil. Assim, nesse cenário, a luta cultural para produzir a vontade coletiva é de vital importância, sendo necessário que os socialistas sejam capazes de motivar máximas capazes de mobilizar a juventude e desestabilizar a ordem vigente. Assim propõe que o prin-

1 Tarik Dias Hamdan é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui bacharelado em Ciências Sociais (UFRJ) e mestrado em Sociologia pelo mesmo programa. É integrante do Núcleo de Pesquisa Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente (DTA). Suas áreas de interesse são Sociologia do Trabalho e Sociologia Econômica. Atualmente, pesquisa sindicalismo e ação coletiva, tendo sua principal área de estudo o setor automotivo. Seu endereço de e-mail é hamdan.tarik@gmail.com

cípio que deve ser alcançado e nutrido é a “realização integral da própria personalidade humana” (GRAMSCI, 2020, p. 29).

É evidente que embora Gramsci não elabore teoricamente suas reflexões sobre a importância da luta cultural, suas obras de maturidade descreveram mais explicitamente essas ideias. Assim, conceitos conhecidos como o de hegemonia, sendo ela a capacidade de uma classe dirigir uma sociedade por meio do consenso moral, são resultados de considerações já esboçadas pelo então jovem Gramsci.

Sua crítica ao determinismo se torna mais evidente ao discutir sobre os acontecimentos da Revolução Russa. Já nos primeiros meses após a Revolução de Fevereiro, Gramsci opina sobre os acontecimentos em oposição a opinião da maioria dos jornais. Enquanto os últimos falavam de uma revolução jacobina, e, portanto, uma revolução burguesa, o autor indicava que era uma revolução que necessariamente conduziria ao socialismo.

Para as interpretações marxistas de sua época, devido às características semifeudais da Rússia, seria necessária uma revolução burguesa que instalasse o capitalismo como etapa de transição para o socialismo. Se opondo a essa tese, Gramsci admite a possibilidade de instauração do socialismo como obra do pensamento revolucionário, não sendo necessário a instauração do modo de produção capitalista enquanto estágio intermediário. Os autores da revolução seriam Lenin e os bolcheviques, chamados pelo italiano de maximalistas, devido a sua intenção de instaurar o socialismo da Rússia sem passar pelo capitalismo.

Se distinguindo mais ainda dos marxistas de sua época, Gramsci afirma que a Revolução Russa pode ser considerada como uma revolução contra o Capital de Karl Marx. Segundo o autor, na Rússia, o livro de Marx representava mais a burguesia do que o proletariado. Seria a demonstração fatal da necessidade de formação de uma burguesia no país e a instauração de uma sociedade capitalista antes que os trabalhadores pudessem pensar no socialismo. Embora os bolcheviques não negassem o pensamento de Marx, também não possuíam uma leitura dogmática, e neste sentido, se distanciaram das leituras positivistas e naturalistas recorrentes do autor, que colocam os fatos econômicos brutos como os determinantes da história. Em oposição a essa concepção, Gramsci salienta que é necessário levar em conta a vontade social e coletiva dos homens, que compreendem os fatos econômicos, os julgam e têm a capacidade de fazer com que se adequem à sua própria vontade.

Descrevendo mais explicitamente sobre a formação da vontade coletiva, o autor evidencia que a formação dela requer um longo processo de infiltração e uma série de experiências de classe. Assim, primeiramente, é necessário que os homens se organizem em corporações e ligas, e mediante uma multiplicidade de estímulos externos ligados à experiência da luta de classes, que sua vontade é constituída no pensamento. Por conseguinte, o proletariado, ao sentir seu mal-estar e se organizar coletivamente, constitui sua vontade e pressiona a burguesia por melhorias nas suas condições.

No caso da Rússia, é necessário entender que para além dos fatores econô-

micos que constituíram o país, a Primeira Guerra Mundial e sua longa duração tiveram um efeito perverso na vida dos trabalhadores russos. Nesse sentido, Gramsci ressalta que os sofrimentos sentidos durante essa experiência levaram o proletariado a constituir uma disposição à mudança social, e por meio da pregação socialista se criou a vontade social do povo russo.

Da sua crítica ao determinismo econômico e sua ênfase na vontade, o autor também reflete sobre quais deveriam ser as características da organização socialista para ser efetiva. Para o autor, associar-se a um movimento significa assumir parte da responsabilidade pelos acontecimentos futuros e torna-se sujeito ativo na realização deles. Segundo ele, embora este seja um ato de independência e de organização, o italiano entende que é necessário disciplina política, contudo, sendo possível separar dois tipos de disciplina, a burguesa e a socialista.

Para Gramsci, a primeira é mecânica e autoritária, sendo a força do sustentáculo que mantém a organização estável. Um exemplo é a disciplina do Estado burguês que estabelece uma relação com seus cidadãos como se fossem súditos. Em contraposição, a disciplina socialista é autônoma e espontânea, já que o indivíduo, ao se declarar socialista, não obedece, mas comanda a si próprio e impõe regras de vida capazes de regularem suas paixões.

Contudo, ao se juntar a uma coletividade, o autor salienta a necessidade de os indivíduos se comportarem como um organismo vivo que possui uma vontade única. É preciso que, portanto, todos os atores estejam

convencidos da racionalidade do fim almejado pela organização e que seus movimentos sejam harmônicos. Nesse sentido, Gramsci defende que dentro do partido as decisões sejam tomadas coletivamente.

Embora o autor ressalte que um único indivíduo seja mais eficiente que a coletividade na tomada de decisão, uma organização baseada neste preceito é tirânica, e a disciplina imposta por uma pessoa pode acabar desagregando a coletividade que não compreende a utilidade da ação ordenada. Entretanto, se do ponto de vista da discussão o autor valorize a discussão e a tolerância, no que tange a ação, é necessário ser intolerante e intransigente. Assim, após o acordo sobre os princípios comuns do movimento, não se pode dar liberdade ao erro dos indivíduos e às ações que se contraponham à vontade coletiva.

O livro encerra com um artigo intitulado *Por uma Associação de Cultura*. Nele, o autor argumenta que em Turim não há qualquer organização de cultura popular. Para Gramsci, os socialistas devem promover uma associação de cultura que seja uma instituição proletária e que tenha finalidade explícita. Segundo o autor, essa instituição deveria integrar a atividade política e econômica dos trabalhadores em um organismo de atividade cultural e o resultado da criação seria fazer com que todos que participem do movimento, se apoderem dos caminhos da luta socialista e se apropriem das convicções necessárias para a ação coletiva. O objetivo central, portanto, é impedir a burocratização das organizações e a centralização da tomada de decisão dos dirigentes partidários.

Recomenda-se a leitura da obra para apresentação feita pelos professores doutores todos que queiram conhecer o pensamento Alvaro Bianchi e Daniela Mussi permite ao de Gramsci antes dos conhecidos *Cadernos do Cárcere*. Além disso, o trabalho de leitor compreender o contexto político e teórico em que o autor estava situado.

Bibliografia:

COSPITO, G. Hegemonia. In: **Dicionário gramsciano**. 1ª edição ed. [s. l.] Boitempo, 2017.

GRAMSCI, A. **Odeio os indiferentes: Escritos de 1917**. 1ª edição ed. São Paulo: Boitempo, 2020.